Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Sandra Lúcia D. **O que é e para que serve a legenda oculta (*closed caption*)?** 25/02/2008. Disponível em: <<http://www.vezdavoiz.com.br/2vrs/noticiasview.php?id=39>> Último acesso em: 30 de agosto de 2008.

ALVARENGA, L. Subtitler: legendador ou legendista? In: **Anais do I CIATI – Congresso ibero-americano de tradução e interpretação**. São Paulo:1998, 214-216.

ARAÚJO, V. L. S. Por um modelo de legendagem para surdos no Brasil. In: **Tradução e Comunicação**. 2008. v. 17, p.59-76, 2008.

_____ Closed subtitling in Brazil. In: Pilar Orero (Org.). **Topics in audiovisual translation**. Amsterdam: John Benjamins. 2004. 1 ed. V. 1, p. 199-212.

_____ A legenda fechada no Brasil. In: **II Congresso Ibero-Americano de Tradução e Comunicação - 2001 Uma Odisseia de Tradução**. São Paulo: 2002. v. 1. p. 343-350.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2005 [1986]. 4ª ed.

BAESSE, Helen. **Invisíveis pelo silêncio**. 2009. 1 DVD (18min.): DVD. NTSC, son., color. Documentário.

BAKER, Mona (Org.) Polysystem theory. In: **Encyclopaedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge, 1998. p. 176-179.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. **Constructing cultures: essays on literary translation**. Clevedon, Philadelphia: Multilingual Matters, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Lei 10.098 de 28/06/2006**. Estabelece as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2007/11/lei-10098-de-2000.pdf>>. Último acesso em: 25 de setembro de 2009.

CARVALHO, Carolina A. de. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. Rio de Janeiro. 2005. Tese de mestrado (Estudos da Linguagem). Faculdade de Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CHESTERMAN, Andrew. **Does translation theory exist?** 2003. Disponível em <<http://www.helsinki.fi/~chesterm/2003c.exist.html>>. Último acesso em: 21 de junho de 2010.

COSTA NETO, A. M. **Cenário do *Closed Caption* no Brasil: panorama geral, utilizações, tecnologias e casos**. Rio de Janeiro, 2008. 56p. Monografia (Graduação em Comunicação – Habilitação Rádio e TV). Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____ **Dúvidas**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <carolselvatici@oi.com.br> em 24 de setembro de 2009.

DALE, Helena. **Entrevista concedida a Carolina Selvatici**. Rio de Janeiro, 27 de

fevereiro de 2009.

DÍAZ CINTAS, Jorge, ORERO, Pilar e REMAEL, Aline (org.). Media for all: a global challenge. In: _____. **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language**. Kenilworth, Nova Jersey: Rodopi. 2007a. p. 11-20.

DÍAZ CINTAS, Jorge, e REMAEL, Aline. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester: St. Jerome. 2007b.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies: Introduction; The Position of Translated Literature in the Literary Polysystem. **Poetics Today**, v. 1, n. 1, 1997 [1990]. p. 1-6; 45-51. Disponível em <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Último acesso em 05 de novembro de 2009.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class?** The authority of Interpretive communities. Cambridge, MA/Londres: HUP. 1980.

FRANCO, Eliana P. **Legenda e audiodescrição na televisão garantem acessibilidade a deficientes**. São Paulo. Março de 2006. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-7252006000100008&script=sci_arttext>. Último acesso em 25 de setembro de 2009.

FROTA, Maria Paula. **A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos Estudos da Tradução, na linguística e na psicanálise**. Campinas: Pontes e Fapesp, 2000.

_____. Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. In: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis – SC, v. 19, 2007, p. 135-169.

G1. **Legendas geradas em *closed caption* podem ser traduzidas em tempo real**. Rio de Janeiro. 4 de novembro de 2008. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL848781-6174,00-YOUTUBE+>

[LANCA+TRADUCAO+AUTOMATICA+PARA+LEGENDAS+DE+VIDEOS.html](#). Último acesso em 15 de setembro de 2009.

GAMBIER, Yves, GOTTLIEB, Henrik. Multimedia, Multilingua: Multiple Challenges. In: _____. **(Multi)Media Translation: concepts, practices and research**. Philadelphia: John Benjamins. 2001. p. viii-xx.

GAMBIER, Yves. Screen Transadaptation: Perception and Reception. In: _____ (Org). **The Translator**, v.9, n.2. Special issue. Manchester: St. Jerome. 2003, p. 171-189.

HERMANS, Theo. Translation Studies and a New Paradigm. In: _____ (Org.). **The Manipulation of Literature**. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

_____ **Translation in Systems**. Descriptive and System-oriented Approaches Explained (Series: Translation Theories Explained). Manchester: St. Jerome, 1999.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies (Series: Approaches to Translation Studies 7). Amsterdã: Rodopi, 1988. p.66-80.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. Trad. Izidoro Blikstein. In: _____. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995, p.63-86.

KLEIN, M. **Legendagem de programas ainda é pouco utilizada na TV brasileira**. Folha de São Paulo, 03 set. 2000. Disponível em <http://www2.uol.com.br/tododia/ano2000/setembro/dia08/revista_da_tv.htm>. Último acesso em 27 de outubro de 2009.

LAGE, Roberta. **Um direito também dos surdos**. Rio de Janeiro. 29 de maio de 2007. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=435CID001>>

Último acesso em 29 de setembro de 2009.

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The 'Cultural Turn' in Translation Studies. In: _____ (Orgs.) **Translation, History and Culture**. London: Pinter, 1990. p. 1-13.

_____. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-22.

LEWIS, Margaret S. J e JACKSON, Dorothy W. Television Literacy: Comprehension of Program Content Using Closed Captions for the Deaf. In: **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, p. 44-52, 2001. Disponível em <<http://jdsde.oxfordjournals.org/cgi/content/abstract/6/1/43>>. Último acesso em 10 de novembro de 2009.

MARTINEZ, Sabrina Lopes. **Tradução para legendas: uma proposta para a formação de profissionais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARTINS, M. A. P. . **Descriptive Translation Studies: uma revisão crítica**. Gragoatá (UFF), Niterói, v. 13, 2002, p. 33-52,

MELO, Anahy Guedes de. **Janela com intérprete de Libras não garante acessibilidade a todas as pessoas com deficiência auditiva**. Rio de Janeiro. 05 out. 2005. Disponível em <<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=17723>>. Último acesso em 28 de setembro de 2009.

MENDES, Regina Helena Ribeiro. **Diretor de dublagem e dublador: os co-autores da tradução para dublagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução de Heloysa de L. Dantas. São Paulo: Cultrix. 1975 [1963].

NEVES, Josélia. A world of change in a changing world. In: DÍAZ CINTAS, Jorge, ORERO, Pilar e REMAEL, Aline (org.). **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language**. Kenilworth, Nova Jersey: Rodopi. 2007a. p. 89-98.

_____ Subtitling Brazilian Telenovelas for Portuguese Deaf Audiences: an Action Research Project. In: **TradTerm**. São Paulo: v.13, 2007b, p.121-134.

OLIVEIRA, Claudete. **TV quase acessível**: legenda oculta permite a surdos e pessoas com deficiência auditiva assistir programas, mas precisa melhorar sincronização ao vivo. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalle.asp?cod=659>. Último acesso em 10 de junho de 2009.

PARIS FILHO, Romeu. SBT amplia em 2002 sua programação com Legenda Oculta/*Closed Caption*. In: **Revista da Feneis**. Rio de Janeiro: n.13, 2001, p. 13.

ROBSON, Gary D. **The Closed Captioning Handbook**. Oxford: Focal Press, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix. 1970.

SITE da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Brasília. 2005. Disponível em <<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1280X800>>. Último acesso em 22 de setembro de 2009.

SITE do Centro de Produção de Legendas. Rio de Janeiro. Sem data. Disponível em <<http://www.cplcc.com.br>>. Último acesso em 02 de setembro de 2009.

SITE do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Último acesso em 10 de setembro de 2009.

SITE da Organização Mundial da Saúde. Genebra. Sem data. Disponível em <<http://www.who.int/en>>. Último acesso em 10 de setembro de 2009.

SITE do projeto TeleLibras da ONG Voz da Voz. São Paulo. 2007. Disponível em <http://www.vezdavoiz.com.br/projetos/teleLibras_2007.html>. Último acesso em 28 de setembro de 2009.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and beyond.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Apêndice

Entrevista com Helena Dale

Eu queria que você começasse explicando um pouco o processo de criação do CPL (Centro de Produção de Legendas).

A criação do CPL surgiu exatamente como um resultado desse trabalho que a gente vem fazendo com surdos há mais de 20 anos. O que a gente percebeu? A gente foi percebendo, à medida que o trabalho ia ocorrendo, que o objetivo final, que era a integração do surdo na sociedade – essa fala tão conhecida... Na verdade, a partir do momento em que a gente criava condições para que ele viesse a desenvolver uma comunicação oral, através da fala, a gente percebia que não era isso que determinava a inclusão do surdo. Na verdade, é um pouco uma ilusão achar que a fala restitui tudo – ele deixa de ser surdo. Não, ele continua sendo surdo a vida toda.

Então o primeiro questionamento que surgiu no nosso trabalho foi se esse era o caminho a seguir ou se a gente deveria aliá-lo ao uso da língua de sinais e trabalhar com as duas línguas para que ele pudesse optar e usar, em diferentes momentos, a língua que preferia. Por eu ter sido diretora da Federação Nacional de Surdos (Feneis), começamos a ter acesso a informações sobre Congressos internacionais de surdos, as Olimpíadas, festas e eventos e percebemos que, na verdade, é nesses espaços que os surdos se exercitam plenamente como seres humanos. Então a primeira grande mudança foi essa. Começamos a fazer um trabalho em que a língua oral e a língua de sinais fosse oferecida ao surdo. Daí, começamos também a nos aprofundar em estudos sobre a surdez de uma forma mais complexa e a nos aproximar da comunidade surda – a ter instrutores surdos aqui, participar de eventos com surdos... Isso foi nos mostrando que eles encontravam muitos bloqueios mesmo de posse da língua de sinais e da comunicação oral. Eles não conseguiam se comunicar com ninguém na hora a não ser que fosse pedindo para um ouvinte. Com isso, o primeiro projeto da Arpef foi a central de intermediação telefônica – um projeto que desenvolvemos com a Telerj.

Depois a gente começou a perceber também o grande bloqueio que eles tinham em relação à televisão. Então, em um congresso que participei em Brasília, acho que em 1991 ou 1992, tive acesso a uma palestra sobre legenda

oculta – *closed caption* – na televisão. Eu voltei absolutamente encantada. Eu já tinha feito uma primeira investida junto a uma emissora, mas ela tinha sido totalmente descartada porque eu tinha pedido legendas abertas. E eu recebi a resposta de que, numa TV comercial, era impossível legendar toda a programação com legendas abertas por causa dos telespectadores ouvintes. Ou seja, isso já vinha na minha cabeça desde 1988. Então, quando eu cheguei nesse congresso e conheci uma legenda que é para quem precisa e quem quer, não havia por que não oferecer isso ao surdo.

Com isso, comecei a minha peregrinação pelas emissoras. A primeira que visitei – até por já conhecer uma pessoa de lá – foi a Rede Globo. A ideia foi muito bem recebida, mas eles diziam que não havia ninguém que prestasse esse serviço. Então eu disse que, caso eles estivessem dispostos a transmitir, a gente daria um jeito de montar uma produtora. E foi isso que a Arpef fez. A gente conseguiu que Furnas patrocinasse a montagem da produtora e o CPL começou a existir por conta disso.

Depois, começamos a fazer um trabalho de divulgação porque havíamos criado uma produtora para uma demanda que não existia ainda, nem por lei nem por desejo das emissoras. Com isso, começamos a criar os painéis. Foram sete painéis com o objetivo de conscientizar a sociedade da importância do recurso, mas primeiro de informar – porque ninguém conhecia o recurso. Eu me lembro que há 12 ou 13 anos atrás, eu entrava numa loja e perguntava, de propósito, se as televisões tinham decodificador de legenda, e os funcionários respondiam que tinha, sem saber o que é, ou diziam que aquilo não existia.

Nós também fizemos uma campanha com os fabricantes. Fomos a São Paulo falar com as fábricas que eles tinham que incluir o decodificador internamente, que já sabiam o custo e que não era muito, então não tinha por que não colocar. A primeira resposta era sempre: “Não, é muito caro”. Nós dizíamos: “Não, não é caro, não. É um chip que custa não sei quantos dólares. É baratíssimo”.

Enfim, fomos fazendo esse trabalho durante esse tempo. Depois, junto com a ABNT, participamos das reuniões para criar um padrão nacional de normas, e também lutamos pela exigência do recurso por lei. Aliás, no primeiro painel, chamamos um político que já foi governador do Ceará, o Lucio Alcântara, porque ele foi relator de um projeto de lei, e demos um prêmio a ele. Tudo isso para incentivar.

Agora existe a lei. A história está consolidada. Agora é só brigar pela qualidade.

Como foi o processo de criação do padrão?

Como já a gente já tinha conhecimento da surdez e do surdo e já ter estudado os padrões dos EUA e do Canadá, que são muito parecidos... Nós nos inspiramos nesses padrões, até porque foram os primeiros. Eles eram os únicos, na época, a ter um estudo sobre isso feito em uma universidade de surdos – que é a única do mundo. Então, a gente usou esse estudo e chamou surdos brasileiros para montar um grupo de discussão.

Nós apresentávamos duas ou três soluções para uma determinada cena, e eles diziam o que eles preferiam, o que achavam mais adequado... Com isso a gente criou um padrão. Levamos uns três anos para criar esse padrão. E, quando fomos participar das reuniões da ABNT, nós levamos esse padrão.

Mas esse padrão é seguido?

O que vemos acontecer hoje – também em comerciais, que também foram uma campanha da Arpef... No último dia 4 de julho, nós lançamos, em parceria com a ABA – a Associação Brasileira de Anunciantes – uma campanha junto às empresas. E, logo no momento do lançamento da campanha já houve uma adesão enorme de empresas que queriam legendar seus comerciais porque, apesar de não ser uma lei, o surdo é um cidadão consumidor que paga impostos e tem direitos.

O que vemos hoje são produtoras que estão legendando esses comerciais e que não têm noção nenhuma do padrão. O tempo de leitura não é respeitado, há cortes de fase sem o menor critério... Enfim, está faltando agora buscar mais qualidade, garantir a qualidade. As legendas de órgãos públicos – dos governos federal, estadual e municipal... Existe uma lei que exige que eles legendem ou disponibilizem janela de libras para seus comerciais. Essas legendas então... A gente até fez uma reunião com os surdos e eu lembrei a eles que eles deviam reclamar. “Isso é um desrespeito com vocês. Eles colocam uma legenda a duzentos por hora, que você precisa de lente de aumento para ler, malfeita... Isso não serve. Não foi para isso que a gente lutou tanto”.

Com o *closed caption* também. Existem recomendações internacionais que não estão sendo respeitadas no Brasil, programas gravados, como filmes e novelas, sendo legendados com tecnologia que foi desenvolvida para programas ao vivo. A tecnologia para programas gravados é a que melhor informa ao surdo,

é a que posiciona as legendas, é a que informa sobre sons não literais... Enfim, tem todo um trabalho que facilita o acesso dos surdos, que não foi inventado à toa, e que não está sendo usado nos programas gravados. Isso talvez aconteça porque a produção da legenda fechada *on-line* é mais barata.

Na verdade, agora, a Arpef pretende apoiar campanhas pela qualidade das legendas. Existe um grupo de surdos do Sul que está fazendo um manifesto chamado “A legenda que queremos”.

Vocês ainda mantêm um grupo de discussão?

Mantemos. E estamos criando o dos cegos para a audiodescrição.

E o que eles acham das legendas que vocês produzem?

Graças a Deus eles dizem que é o Oscar das legendas. Eles entendem cada vez melhor. A gente também tem um projeto no CCBB – que foi onde a gente introduziu a audiodescrição gravada. Recentemente, a gente passou um filme infantil, foi uma sessão focada nas crianças. E eles adoraram. Nossa! Eles amaram. Nós fizemos um trabalho de edição muito grande. As legendas tinham um tempo de exposição muito bom, de modo que as crianças pudessem ler – realmente havia todo um estudo por trás disso. Mas os adultos também gostaram muito porque esse tempo de leitura confortável é fundamental. É lógico que, em algumas situações, dependendo do filme, é impossível. Isso dá muito trabalho. E a gente sempre tenta editar. Nós trabalhamos com a perspectiva de um tempo confortável de leitura. Porque fazer o contrário é muito fácil. É só transcrever tudo que está sendo dito e não pensar no tempo. Mas a única pessoa que conseguiria ler aquilo tudo seria um superleitor. Nem os ouvintes acompanham a legenda totalmente transcrita.

Algumas teorias dizem que, para o surdo, a primeira língua é a língua de sinais. Há muitos surdos com dificuldades sérias de leitura?

Existem, sim. Porque o que se oferece ao surdo em termos de habilitação e reabilitação é de baixa qualidade. São propostas de baixa qualidade e de baixa expectativa. Muitos profissionais não têm expectativa alta. Eu sempre trabalhei com expectativa alta. Então o que eu digo é o seguinte: ele tem condição, sim, de aprender a ler e a escrever. Nós é que não oferecemos alternativas para isso.

Há outras questões atreladas também: o diagnóstico tardio, a falta de orientação à família – que, para mim, é o problema número 1. Eu recebo aqui famílias com crianças de 7 ou 8 anos sem orientação nenhuma, que nem se comunicam direito com seus filhos. Então não dá para pedir que essa criança desenvolva todo o potencial que ela tem se ela não tem uma comunicação mais próxima do adequado nem dentro de casa.

Isso não é uma realidade apenas no nosso país. É uma realidade mundial. O surdo costuma ter um atraso grande no desenvolvimento da língua escrita. O que também nos fez sair correndo atrás da legenda? Foi a experiência americana. No momento em que comecei a pensar muito nesse assunto e fui para os EUA, ouvi o depoimento de uma presidente de uma associação de surdos americana que disse que, em dez anos, a legenda na televisão fez mais pela educação do surdo que todas as propostas até então. O surdo estava aprendendo a ler porque ele vê a televisão sem cobrança. Existe uma série de estudos que eu acho que até deveriam contar no seu trabalho. Por conta do oferecimento da língua escrita na televisão, existem chances maiores e reais de aprendizado. Por conta disso, eu pensei se em dez anos, nos EUA, ela fez muito pela educação do surdo, quem sabe em vinte, no Brasil...

Aí já entra uma discussão mais pontual sobre a educação dos surdos. Desde que me entendo por fonoaudióloga existe uma discussão sobre o melhor método de alfabetização do surdo. Ainda não chegamos a uma conclusão e acho que estamos longe disso. Mas, enquanto se discute qual é o melhor método para alfabetizar surdos, nós entramos com a legenda na televisão. Com isso, a longo prazo, a gente garante que o surdo vá se familiarizando com aquela “coisa” e, aos poucos, a gente obtém – como já obteve – relatos de surdos que começaram a ler jornais e livros depois de cinco anos lendo legendas.

Quando começamos a trabalhar com a legenda fechada, os profissionais da área diziam que isso não ia dar certo e que tínhamos que pensar em janela de Libras. Eu me lembro de um congresso em que falei do primeiro Telecurso que ia ser legendado. Nossa Senhora... Foi uma chuva de críticas. Até colocaram o dedo no meu rosto. Mas eu nunca me preocupei com isso. Eu sabia que ia ser assim. Por quê? Por conta dos profissionais e da comunidade surda. Isso aconteceu também no Canadá e nos EUA. Durante três anos, eles só receberam críticas. Então eu fiquei muito tranquila. “Aguardem. Isso não é para agora. Daqui a pouco vocês vão sentir o efeito”. E outra coisa, a janela de Libras não podia ser usada na televisão. Naquela época, não dava. Agora, com a TV

digital, vai dar e deve ter. Mas, naquele momento, não dava. Então eu não queria discutir por algo que não era possível da mesma maneira que eu tinha pedido a legenda aberta e os empresários tinham respondido: “Esquece, porque a TV é comercial e a maioria das pessoas não precisa”. Não dava para colocar janela de Libras. Imagina, se a legenda aberta não podia entrar, imagina uma coisa que ocupa um terço da tela. Por isso investimos nas legendas ocultas. Mas a realidade vai ser outra daqui a cinco anos. O surdo vai poder optar se quer janela de Libras ou legendas.

Eu também tinha certeza de que elas eram um caminho para o aprendizado da língua escrita. Mesmo sabendo que a realidade nesse aspecto é dramática na comunidade surda, a gente deve nivelar por cima. Vamos supor. Se, há dez anos atrás, 90% dos surdos não soubessem ler, mesmo assim eu investiria nas legendas porque eu queria que, dez anos depois, 80% dos surdos não soubessem ler. E mais dez anos depois, 70% dos surdos não soubessem. Isso é lucro. Porque o maior lucro do mundo é ter domínio da língua escrita que você lê e eu leio. Para ler um livro, o jornal ou ver televisão, ele precisa saber o português. Se me dissessem que o surdo não tem capacidade de aprender a língua escrita, tudo bem. A gente inventaria uma maneira de passar para ele as coisas que estão escritas. Mas ele é capaz. Já mostrou que é capaz de ler, de escrever, de fazer universidade, de fazer pós-graduação, de ser doutor... Então que história é essa? Vamos nivelar por cima.

Então eu sabia que seria uma questão complicada. Na época, a gente foi muito criticado. Eu até ouvi: “Os surdos não vão ler, não adianta. E além de tudo é muito rápido”. Pois é. O que eles não sabem é que as pesquisas mostram que, nos EUA e no Canadá, os surdos leem mais rápido do que os ouvintes por causa da legenda. Eles adquirem uma velocidade de leitura maior do que a dos ouvintes. Ou seja, ele começa não lendo e acaba lendo mais rápido. Porque é um estímulo. É um estímulo diário. O melhor estímulo é a televisão. Independente da qualidade do programa.

E, sinceramente, nós, ouvintes, estamos expostos da mesma maneira a uma qualidade ruim dos programas. Até, inicialmente, a lei queria contemplar programa educativos. Nós escrevemos para o governo e fomos veementemente contra. Dissemos que as emissoras deviam escolher os programas de acordo com a sua grade, com a sua programação e que o governo não podia sair determinando que tipo de programas o surdo pode ver. Ainda existe um paternalismo muito grande, uma necessidade de se determinar quais programas o surdo vai ver, em que horário... Isso é um ranço da comunidade ouvinte que

quer manter um domínio.

O que você acha que é mais importante dentro do closed caption? A edição, o posicionamento...?

Não vou dizer o que eu acho. Vou dizer o que os surdos acham porque foi um estudo feito na Gallaudet University, a universidade especializada em surdos. O mais importante para eles é saber quem está falando. Não saber quem está falando atrapalha muito o entendimento da fala. Eles também gostam muito dos sinais sonoros. Em um determinado momento, eles até quiseram mais. Se a gente pudesse “água jorrando na cachoeira”, eles queriam que a gente pusesse a onomatopeia, o “chuá”. Isso também foi uma discussão no Canadá e nos EUA, foi fruto de pesquisa. E a opção preferida pela maioria foi em vez de colocar “cof, cof, cof”, colocar “tosse”. Isso porque eu posso saber o que é “cof, cof, cof” e entender, mas o outro que não sabe não vai entender e a legenda seguinte vai passar. Então, apesar de alguns surdos preferirem o barulho, a equipe optou por usar um padrão que já vem funcionando.

Isso só muda em programas infantis. Por exemplo, nesse filme do Didi que nós fizemos para o Centro Cultural Banco do Brasil, nós usamos muito. Quando os programas são infantis a gente usa muito. Teve até um filme que nós fizemos em que a legendadora achou que podia usar. E, quando eu vi, estava uma coisa horrível e eu pedi para trocarem. Não cabe um “glub, glub, glub”. Fica infantil demais. Mas, aos poucos, temos tentando construir um padrão legal levando em consideração as diferenças de público.

O quanto o público-alvo faz as legendas mudarem?

Muito pouco. O que modifica é quando o público é infantil. E mesmo assim, isso acontece menos na TV e mais fora dela. Outro problema é que muitas emissoras não legendam programas infantis porque a criança surda não tem capacidade de ler as legendas. O que é um absurdo Acabei de fazer um ofício para a TV Brasil pedindo que preencha esse vácuo na programação infantil. As legendas estão aí justamente para incentivar a leitura e o aprendizado. Mesmo que as crianças passem um ano sem entender nada, no fim desse ano, elas vão começar a reconhecer palavras e a entender.

Mas, de resto, muda muito pouco. Em documentários, às vezes. Uma das coisas que a gente mais usa para reduzir o tamanho da legenda é trocar “alguma

coisa” por “algo”. Mas isso não pode ser feito sempre. É preciso ver o contexto. Algumas pessoas não vão dizer “Isso é algo que me incomoda”. Sim, um professor diria isso, mas o personagem do Cidade de Deus, não. Então, nesse caso, tem que ficar “alguma coisa” mesmo. São coisas muito pequenas, mas que fazem muita diferença para não causar estranhamento por parte do público.

Em comerciais também temos feito algumas edições, mas ainda poucas. Muitas pessoas ainda não entenderam que é melhor o surdo ler do que não ler. Há um tempo atrás, fizemos as legendas para um comercial de trinta segundos em que o texto era grande e só piscava na tela. Não ficava tempo suficiente para ser lido. A gente propôs uma edição que valorizaria o nome do produto. O cliente não quis. Explicamos o porquê, mas eles não quiseram. Eu decidi deixar o assunto de lado. Eles não entendem nada desse assunto. Mas daqui a pouco vão entender. Vão entender que a legenda não é para todo mundo, que é para o surdo e que o surdo precisa de um certo tempo para ler. Nós dissemos isso tudo, mas eles disseram que não podia contar porque uma agência de publicidade tinha feito a propaganda.

Existe algum tipo de campanha para conscientizar as pessoas responsáveis pelo closed caption nas emissoras que o tempo de exibição das legendas é importante?

A gente fez isso no último painel, o sétimo. Mas agora não temos mais. Outra coisa que fizemos foi conseguir a autorização para interferir na tradução da dublagem – porque fazemos as legendas a partir de filmes dublados. Às vezes, algumas frases têm uma estrutura que falada fica boa, mas, escrita, fica estranha. Então nós podemos mudar. Isso e consertar erros de tradução feitos pela dublagem também. Às vezes, não conseguíamos legendar porque a frase não fazia sentido. E, quando pegávamos o filme no original, a tradução estava errada. Por isso, hoje, podemos interferir.

Agora a conscientização que você mencionou junto às pessoas que decidem, nós não temos. É uma proposta a se pensar. É porque, agora, com toda a sinceridade, nossa função já foi feita. Ano passado até me questionaram se íamos fazer outro painel, e eu recusei. Eu fiz o sétimo só com surdos nas mesas porque aquele painel tinha a função de mostrar que a lei já estava estabelecida e que a iniciativa não tem mais volta. “Agora tem que ter fiscal de qualidade. E esses são vocês”. A mesa foi toda pensada para isso. Eu não queria nenhum ouvinte falando. Queria surdos falando com surdos. Eu participei

de todas as palestras, trabalhei com os surdos sobre os assuntos de todas as palestras, mas passei a bola para eles. Mas a gente ainda percebe que faltam algumas coisas. Só que eu vou deixar isso com eles.

E o que você acha que falta?

Foi aquilo que te falei. Acho que falta qualidade mesmo. Falta fiscalização da comunidade surda. O problema é que eles só assistem Globo. Aí, eu falo: “Vocês têm que ver isso porque tal emissora está fazendo tal coisas. A legenda de tal emissora está muito ruim”. E eles respondem: “Ah, eu não vejo”. Mas agora a gente já chegou num meio termo no grupo de discussão. Porque eles têm que ver. “Eu sinto muito, mas, durante uma semana, você vai deixar de ver sua novela e vai ver tal programa e você esse outro”. E nós vamos discutir juntos.

Acho que, em termos de programação, falta investir na programação infantil. Nós até mandamos um e-mail para o Renato Aragão com as fotos da exibição do filme para ver se ele começa a legendar e audiodescrever o programa dele. É que é domingo, num horário legal, que a criança pode ver. É mais ou menos isso.

Agora estamos partindo para outros projetos. Estamos expandindo nossos projetos para toda a área de Acessibilidade. Esse eu considero uma missão quase que cumprida.

Como você vê a reação dos ouvintes à legenda fechada?

É ótima. Ótima. É impressionante como todo mundo fica encantado. Por exemplo, eu fui ao Detran há algum tempo, uns dois anos atrás. Era uma sala enorme, com uma televisão grande e muito barulho de conversa. Como era o horário do jornal, pedi para acionarem a legenda, como vinha fazendo há algum tempo. Fiz isso inúmeras vezes. Quando chegava em hotéis, pedia quartos com televisão que tivesse legenda. Aí, me diziam: “Não tem”. E eu respondia: “Não é possível que nenhuma não tenha”. Eu fazia só um rebuliço. Nem ia ver televisão, mas só fazia o rebuliço. Quando eles descobriam, ficavam encantados porque não sabiam. Nesse dia no Detran, eu fiz a mesma coisa. Quando a legenda apareceu, o homem ficou maravilhado. “Como a senhora fez isso?” “É só acionar esse botão. Deixe esse botão acionado. Se tiver legenda, vai aparecer. Se não tiver, não aparece”. Ele ficou felicíssimo, achando que eu tinha conseguido fazer

aquilo. Antes eu precisava fazer isso. Agora eu vejo que já não preciso pedir. Se for para Fortaleza e jantar em um restaurante, quando a novela começar, a legenda vai aparecer. Isso, de certa forma, faz muita diferença.

Ainda não é perfeito. Às vezes falo com uma pessoa que acho que sabe, mas percebo que não. Que muita gente ainda não sabe o que é. Talvez a comunidade surda já esteja bem consciente – porque, antes, nem ela sabia. Mas, na sociedade em geral, ainda tem muita gente que não sabe. Eu fiz até uma proposta para a Globo muito legal, há uns cinco anos atrás, para divulgar a legenda. Foi uma coisa muito legal que fizeram nos EUA e no Canadá porque eles notaram que, dez anos depois, a população de maneira geral não conhecia o serviço. Então eles queriam difundir. Eu não invento nada, só copio as ideias boas. Eu mostro as reportagens, e eles veem como a coisa é legal. A proposta é que um programa por dia seja mostrado com legendas abertas. Ou o Jornal Nacional na segunda, ou o Fantástico no domingo, ou o Vídeo Show na quarta. Todos os dias, um programa é mostrado com legendas abertas. Seria uma semana de conscientização. Olha que coisa fantástica. Mas não levaram adiante. Talvez eu não tenha mandado para a pessoa certa. Porque isso é uma ideia fantástica para dar uma disseminada no recurso.

Tenho vários relatos de pessoas ensurdecidas, com dificuldade de audição que dizem que não deixam mais de ver televisão com as legendas, de amigos meus que não deixam de ver filmes no quarto quando estão com a mulher ou a namorada porque veem com a legenda. Várias situações assim. O *closed caption* é mesmo uma ideia genial. Quem conseguiu desenvolver isso, teve uma sacada muito legal.